

Ver uma mulher: apenas por um segundo, apenas no lapso breve de um olhar, para depois de novo a perder, algures na escuridão de um corredor, atrás de uma porta que não posso abrir — mas ver uma mulher e ao mesmo tempo sentir que ela também me viu a mim, que os seus olhos se demoram inquiridoramente em mim, como se por força tivéssemos de nos cruzar no limiar do desconhecido, nesta fronteira obscura e melancólica da consciência...

Sim, sentir neste segundo como também ela vacila, o curso dos seus pensamentos quase dolorosamente interrompido, como se os seus nervos, tocados pelos meus, se contráíssem. E eu não estava cansada nem distraída pelas imagens do dia, não via campos nevados nem sobre eles as sombras alongadas do entardecer, via a multidão junto ao bar, raparigas que passavam, levadas como bonecas pelos homens que dançavam com elas, que riam levemente com a cabeça lançada para trás sobre os ombros estreitos, a par das suas risadas começava a ouvir-se o rugido do *jazz*, do qual se fugia para encontrar refúgio num canto apertado, foi então que Li me acenou, o seu rosto pequeno estremeceu, pálido, sob as sobranceiras altas e arrançadas. Empurrou o copo dela na minha direção, obrigou-me obstinadamente a bebê-lo até ao fim e entrelaçou as mãos esguias em torno da nuca do norueguês, passou diante de mim a flutuar,

a dançar, enquanto os olhos dele não se desviavam dos seus lábios.

Depois a noite fria de inverno veio ao nosso encontro. Lange caminhava ao meu lado e falou num alemão desajeitado. «Tenho pena de si», disse, «não sabe quão perigosas são as raparigas mongóis», referia-se a Li, e eu fiz que sim com a cabeça, ainda que Li não seja perigosa, um pequeno rosto trememente de porcelana sob sobrancelhas finas e arranjadas, mãos brancas, também elas incessantemente a tremer sobre os ombros dos homens que a levavam por entre o torvelinho dos pares dançantes — Li sorri, é certo, um sorriso melindrado de criança pode pairar-lhe na boca, e sei que os homens amam a sua doçura, mas isso o que é comparado com o sorriso de pequenas criaturas louras e inocentes, que nada visam e que se cruzam connosco lá fora ao sol, que nos observam e que estimamos, mesmo quando estamos cansados e nos sentimos mal com a náusea que paulatinamente se insinua por causa do riso e da alegria, do excesso de fumo e de ruído?

A fria aragem noturna roça, benfazeja, o meu rosto, a neve envolve ainda os meus sapatos. Já se vislumbra uma luz nova, alguém me tira das mãos os bastões de esqui, dou a mão a Lange, que sobe apressadamente as escadas. Agora, este toca à campainha, o rapaz do elevador fecha a porta atrás de mim, tenho a cabeça descaída, o elevador pára no átrio: por um momento, o calor e o ruído entram, levanto os olhos, à minha frente está uma mulher, traz um casaco branco, o rosto é moreno sob o cabelo escuro, penteado para trás com uma austeridade masculina, fico espantada diante da força bela e luminosa do seu olhar, e agora cruzamo-nos, por um segundo, e eu sinto a pulsão irresistível de me aproximar dela e, de forma mais pungente, mais dolorosa, de seguir esta tremenda região desconhecida que estremece em mim como nostalgia e incitamento...

Baixo os olhos e recuo um passo. O elevador pára. O rapaz abre a porta; inclinando quase impercetivelmente a cabeça, a mulher desconhecida passa por mim...

24 de dezembro de 1929



Já é tarde e estou cansada. Inicialmente estava acompanhada, bebemos café, só mais tarde jantámos, a maior parte das mesas no restaurante estava vazia. Ao nosso lado estava sentado o velho senhor que ontem me convidara para um passeio de trenó e que à noite me conduziu à mesa de Frau Bernstein, para que eu a conhecesse. Ele dirigiu-me um sorriso, levantou o copo e inclinou-se na minha direção à laia de saudação. Senti que apenas a presença de terceiros o impedia de dizer «À saúde de Ena Bernstein», e eu sorri e acenei com a cabeça, mas dentro de mim irrompeu uma violenta onda de sangue que me apertou opressivamente o coração. Continuei a comer em silêncio e só uma vez por outra lançava um olhar à grande porta do restaurante, ainda que soubesse que ela já não viria, afinal, ela própria me dissera que à noite comia no quarto ou no quarto da amiga.

Por fim levantámo-nos, o empregado acompanhou-nos até à porta, que os dois paquetes, de fatos castanhos, abriram apressadamente de par em par com uma vénia devota. Olhei à minha volta, com um desconforto secreto notei que a mesa do diretor Boheim estava vazia, apercebi-me finalmente do velho cavalheiro que me acenava do seu lugar solitário e aceitei com alívio o convite para me sentar a seu lado. Lange passou por nós duas vezes, perguntou se eu queria dançar e, quando assenti na segunda vez e passei para o bar contíguo,